

Fronteiras imaginárias – Steven Universo e os gêneros “excêntricos”¹

Stephani ECHALAR²

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

As fronteiras que separam feminino e masculino são imaginárias, mas nem por isso menos sólidas. As prerrogativas que identificam o que é pertinente a cada gênero são construtos sociais sedimentados pelo tempo, que definem identidades antes que os sujeitos possam fazê-lo. Existe, de fato, algo que pertença exclusivamente a um gênero? É possível limitar a identidade a apenas um polo da dicotomia feminino-masculino? O presente artigo incorre nessas discussões tendo como ponto de partida a personagem *Stevonnie* – uma fusão entre uma menina e um menino - da animação *Steven Universo*, transmitida pelo canal *Cartoon Network*. Os gêneros e suas performances são abordados pelos Estudos de Gênero, enquanto a animação é analisada a partir da etnografia de tela.

Palavras-chave: gênero; feminilidades; masculinidades; etnografia de tela; Steven Universo.

Introdução

“Mulher” e “Homem”, “masculino” e “feminino” são categorias sociais, nomes criados em determinada altura do desenvolvimento das sociedades. Eles definem em si as possibilidades que os indivíduos têm de ser e de expressar suas identidades de gênero. Mas e se houvesse mais que apenas duas opções? E se as formas de expressão dos sujeitos não fossem restritas por predeterminação?

A brecha que dá origem a essa discussão nasce na segunda onda do movimento feminista (LOURO, 1997) para dar origem a um novo campo de reflexão. Os Estudos de Gênero abrem o caminho teórico para a desconstrução da norma dicotômica “homem-mulher”. No cotidiano real esse padrão vem sendo desafiado, provavelmente desde que foi estabelecido, por sujeitos cujas identidades não se conformam apenas em uma ou outra categoria.

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FIC-UFG, linha de pesquisa Mídia e Cidadania sob orientação da Profª Drª Luciene de Oliveira Dias, e-mail: se.jornalismo@gmail.com.

Louro, Neckel e Goellner (2010) mostram como essa abordagem dicotômica das partes de um todo influencia na significação das categorias que compõem tais junções, quando dizem que “para que tais dicotomias ‘funcionassem’, ou seja, para que pudéssemos acreditar que elas eram ‘verdadeiras’, era preciso tomar seus polos como exteriores um ao outro, como independentes e incontaminados” (LOURO, FELIPE, GOELLNER, 2010, p. 7). Além de supor uma barreira entre um polo e outro, essa forma de pensamento também cria uma hierarquia simbólica entre eles. As atuais reflexões sobre gênero buscam compreender as ligações entre essas diferenças simbólicas e as relações sociais.

A intrincada paisagem que liga os conceitos de “gênero” é discutida, aqui, segundo as propostas dos Estudos de Gênero. Os elementos que integram as identidades dos sujeitos são abordados como fluídos, portanto, incompatíveis com a solidez da norma. Rumo à desconstrução de formatos estáveis, analiso as performances de gênero presentes no desenho animado *Steven Universo*, especificamente a personagem Stevonnie. O objetivo é observar como as expressões de gênero se aproximam e se afastam daquelas consideradas pertinentes a homens e mulheres. Buscam-se indícios de que as vivências dos sujeitos em relação à suas identidades de gênero residem nos movimentos dessa fronteira (BHABHA, 2010).



Figura 1 - da esquerda para a direita: Garnet, Ametista, Steven e Pérola. Fonte: Cartoon Network

Steven Universo é uma série de televisão animada, veiculada pelo canal *Cartoon Network*, desde 2013. A série foi criada por Rebecca Sugar, artista e diretora estadunidense e que se tornou primeira mulher a ter um título próprio veiculado na programação em toda a história do canal. O desenho é protagonizado por Steven, um garoto metade humano e metade alienígena da raça *Gem*, e o grupo *Crystal Gems*, formado por três seres dessa mesma raça – Garnet, Pérola e Ametista. O menino é criado

pelo pai, Greg, e mais tarde passa a viver com o grupo de alienígenas – antigas companheiras de guerra de sua mãe, Rose Quarts. A melhor amiga de Steven, Connie, também tem uma participação central no desenvolvimento da história. É pela fusão dos dois que surge Stevonnie.

A personagem é acompanhada ao longo do episódio *Juntos e sozinhos* (primeira temporada), quando aparece pela primeira vez. Para a análise desse material optei pela etnografia de tela (RIAL, 2005), método que alia práticas etnográficas à análise fílmica na observação dos modos de significação social.

Normas e excentricidades

Guacira Lopes Louro (2010) fala em comportamentos “excêntricos” ao citar as práticas que se afastam dos padrões: “a posição central é considerada a posição não-problemática; todas as outras posições-de-sujeito estão de algum modo ligadas – e subordinadas – a ela” (LOURO, 2010, p. 44), diz a autora. O centro circunscreve as formas consideradas legítimas e normais de comportamento, a unidade. É um domínio sólido e estável, consolidado como referência. Cabem às suas margens a diversidade e a instabilidade. Louro identifica os habitantes de cada espaço:

toda essa “conversa” pós-moderna de provisoriedade, precariedade, transitoriedade etc. etc. só pode se ajustar às mulheres, aos negros e negras, aos sujeitos homossexuais ou bissexuais. A identidade masculina, branca, heterossexual deve ser, supostamente, uma identidade sólida, permanente, uma referência confiável. (LOURO, 2010, p. 44)

A existência de uma referência central em torno da qual outras formas de vida são organizadas é algo que permeia as teorias de gênero. Butler (2010) fala sobre normalidade e abjeção, observando que o que torna viável a existência de sujeitos “normais” é a identificação e exclusão do que é diferente. É o que a filósofa chama de “matriz excludente”, responsável pela formação dos sujeitos. Segundo a autora ela exige “a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são ‘sujeitos’, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito” (BUTLER, in LOURO, 2010, p. 155).

Foi dessa desigualdade entre “a referência” e “o outro” que o gênero enquanto conceituação nasceu. A adoção do termo substituiu a palavra “sexo” nas discussões, tentando forçar um afastamento das perspectivas naturalistas e biológicas usadas para justificar as diferenças sociais entre homens e mulheres, como explica Louro:

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem "científica", a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — e justificar — a desigualdade social (LOURO, 1997, p. 20-21).

Não é, como se procurava afirmar, o sexo biológico identificado ao nascimento que determina as capacidades das pessoas, mas sim as formas como ele será “revestido” de significados sociais. Existe uma normatização que define quais comportamentos e atribuições estão disponíveis para mulheres (cuidado, sensibilidade, fragilidade etc.) e para homens (força, liderança, trabalho etc.) que determinam os espaços que podem ocupar. “Gênero” leva para os terrenos do social e do cultural todas as instâncias que constroem os sujeitos (MEYER, 2010).

A riqueza de discussões sobre o tema não facilita sua definição. Talvez, por ter nascido para diluir barreiras seja ele mesmo uma ideia impossível de circunscrever entre as paredes de um conceito. Uma aproximação normativa seria a definida por Izquierdo (199?), quando diz que gêneros são “obras culturais”,

modelos de comportamento mutuamente excludentes cuja aplicação supõem o hiperdesenvolvimento de um número de potencialidades comuns aos humanos e a atrofia de outras. Modelos que se impõem ditatorialmente as pessoas em função de seu sexo. (IZQUIERDO, 199?)

Percebe-se uma visão polarizada dos gêneros: homens e mulheres sendo, respectivamente, masculinos e femininos. Tal dicotomia prevê a existência de formas singulares de masculinidade e feminilidade. Pelos Estudos de Gênero a aproximação é diferente, se afastando do sistema sexo/gênero. O conceito diz respeito, sim, a feminino, masculino; mas também a expressões que vão além de tal dualismo. Também se refere a identidade e às formas de vivê-la e expressá-la. É dado que existem formas infinitas de feminilidade e de masculinidade e que elas não têm sua apropriação restrita a um ou outro sexo biológico (apontado no nascimento do sujeito). Ao contrário, estão disponíveis para que os sujeitos delas usufruam segundo a forma como se identificam e/ou querem se expressar. Outra característica é a inconstância: como faz parte da cultura o gênero assume formas e comportamentos diferentes segundo o local e a época em que os sujeitos vivem (LOURO, 1997; 2010). Para sociedades acostumadas à solidez das tradições, encarar gênero dessa forma é um novo tipo de desafio, como aponta Louro:

O grande desafio talvez seja admitir que todas as posições podem se mover, que nenhuma é natural ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão se desvanecendo. A não-nitidez e a ambiguidade das identidades culturais podem mesmo ser, às vezes, a posição desejada e assumida – tal como fazem, por exemplo, muitos jovens homens e mulheres ao inscrever em seus corpos, propositalmente, signos que embaralham possíveis definições de masculinidade e de feminilidade. (LOURO, 2010, p. 49)

Talvez, a melhor estrada para compreender gênero esteja na abordagem de Balestrin:

É possível associarmos a construção do gênero a uma obra sempre inacabada ou mesmo a uma estrada (ou encruzilhada?) a percorrer ininterruptamente. Por mais que se pense num ‘lugar de chegada’ para a construção do gênero, o gênero se faz no movimento, no trânsito, no deslocamento. Entendo ‘gênero’ como algo que está constantemente sendo feito, fabricado, ensaiado: apresentado. O gênero, ao que parece, é concomitantemente ensaio e apresentação – ensaia-se o tempo todo, apresenta-se o tempo todo. (BALESTRIN, 2005, p. 45)

Conversar com uma tela

Escolher o objeto desta pesquisa não representou um desafio. A riqueza de possibilidades de reflexão ofertadas pela série animada já gerava entusiasmo muito antes da oportunidade de produção acadêmica surgir. O desafio foi encontrar o percurso metodológico que me permitisse ler a narrativa e ser capaz de enxergar nela as nuances e sublimaridades que constroem significados. Encontrar a etnografia de tela, ainda no início da revisão bibliográfica, foi – poder-se-ia dizer – um “golpe de sorte”.

Incluída nas linhas pós-modernas dos métodos antropológicos, a etnografia de tela reúne tanto práticas etnográficas quanto da análise fílmica e ainda da Análise de Discurso: imersão no universo do que é analisado, contato direto e prolongado, registro em caderno de campo, além de observação de aspectos fílmicos como movimentos de câmera, construção das sequências e etc. (RIAL, 2004). Segundo a autora, as etnografias de tela

partindo do método etnográfico, buscam ir além do texto e ao encontro do contexto, das redes complexas em que estes textos se inserem e das quais emergem. (...) A etnografia, mais do que qualquer outro método, apresenta a capacidade de revelar os "espaços sociais" da televisão, a etnografia (de tela ou de audiência) sendo assumida aqui como uma prática de trabalho de campo, fundada em uma prática de coleta e análise de dados extensa e longa, que permite aos pesquisadores atingirem um grau elevado de compreensão do grupo social ou do texto estudado, mantendo uma reflexividade. (RIAL, 2004, p. 31)

Apesar do “golpe de sorte”, ainda é necessário um aprofundamento nos estudos do método etnográfico e suas diferentes orientações teóricas. Aqui, o desenvolvimento da técnica conta com abordagens etnográficas vindas – principalmente – dos Estudos

Culturais, dos Estudos Feministas e da Teoria Crítica (ANGROSINO, 2009). Isso significa que a aplicação da metodologia neste trabalho considera sujeitos como “agentes ativos” cuja interação altera a cultura constantemente. São desfeitas as noções de distância e neutralidade do pesquisador em relação ao “objeto”, em troca de uma prática empática, subjetiva e dialógica. Quem pesquisa participa do processo como sujeito.

Uma importante característica dos estudos culturais é esperar que os pesquisadores sejam *autorreflexivos*, o que significa estarem tão preocupados com quem eles são (em relação a gênero, raça, etnicidade, classe social, orientação sexual, idade e assim por diante) como fator determinante de como eles veem a cultura e a sociedade quanto estão com os artefatos da cultura e da sociedade em si. (ANGROSINO, 2009, p. 28)

Para realizar a etnografia de tela foram selecionados e assistidos três episódios da série, a saber *Juntos e sozinhos*, *Corrida em Beach City* e *Lua Selva*. Após análise inicial de cada um, decidi centrar as reflexões no primeiro, por acreditar que contém as passagens mais relevantes para o tema aqui proposto. Também optei por assistir aos episódios com áudio original em inglês, com vistas a impedir a interferência da tradução. Cada episódio foi visto diversas vezes:

- A primeira foi definida como uma “leitura livre”. Os episódios foram vistos em sequência e sem interrupções. O objetivo era experienciar a narrativa como um “primeiro encontro” com os personagens, e observar como estes se apresentariam sem a interferência direta do aporte teórico;
- Antes de assistir os vídeos novamente foi realizado o levantamento das equipes responsáveis pela criação de cada um. Também acessei informações oficiais sobre a série, entrevistas com a criadora e materiais extras. Esse movimento buscou ampliar o contexto no qual as personagens estão inseridas, permitindo a percepção de ligações entre elementos dentro e fora da tela;
- Em seguida teve início uma leitura em duas partes, dividida entre “narrativa” e “montagem”. Quando focado na narrativa, o ato de assistir se atentou ao desenvolvimento pessoal de Stevonnie e suas relações com as outras personagens. Já quando a montagem estava em foco, eram observadas as escolhas cinematográficas: as cores usadas, enquadramento, expressão das personagens, trilha sonora etc.

O universo de Stevonnie

Carloto (2001), afirma que “a construção dos gêneros se dá através da dinâmica das relações sociais. Os seres humanos só se constroem como tal em relação com os outros” (CARLOTO, 2001, p. 202). Embora a autora enfatize as relações interpessoais, os estudiosos de gênero parecem concordar que sua construção é um diálogo contínuo com o exterior dos sujeitos: instituições, práticas, discursos, políticas e um sem fim de outros influenciam sua eterna mutação (LOURO, 2010; MEYER, 2010; BUTLER, 2010). O contexto no qual alguém está inserido é tão importante quanto o próprio sujeito na hora de observar as formas como sua vivência de gênero se dá, e isso não é diferente nestas circunstâncias.

Greg, as *Crystal Gems* e Steven são um formato não tradicional de família. Mesmo vivendo desde o início da adolescência com três seres que podem ser lidos pelo público como mulheres³, Steven conta com a presença e suporte constante do pai, Greg Universo, que mantém um relacionamento cordial com *Gems*. A mãe da personagem não participa de sua criação, tendo desistido de seu corpo físico para que o garoto pudesse existir. Diferente de outras narrativas nas quais a ausência transforma a figura paterna em uma espécie de “referência-fantasma”⁴, em *Steven Universo* é o legado da mãe – uma heroína de guerra – que pesa sobre Steven.

As fusões, como a que dá origem à Stevonnie, têm um papel importante no universo da série, sendo frequentemente usadas como metáforas para relacionamentos. Ao longo de *Steven Universo* são apresentadas as complexidades de tal união, indo da utilidade e conveniência a escolhas ativas das personagens – incluindo ainda a incapacidade de se fundir e mesmo experiências forçadas.

Originalmente, as fusões eram uma estratégia bélica para formação de soldados mais poderosos, realizadas apenas entre *Gems* de uma mesma categoria. Essa habilidade é ressignificada por Garnet, uma fusão entre Ruby e Sapphire. A primeira fusão entre elas é um acidente, possível pela empatia e interesse romântico platônico que sentem. Apesar de ter sua fusão considerada “errada” e “anormal” pela sociedade, Ruby e Sapphire

³ Em entrevista ao programa de rádio *1A*, a criadora Rebecca Sugar definiu que as *Crystal Gems* são “codificadas” como mulheres, já que a concepção de gênero não existe em seu planeta natal, e não se importam de serem identificadas como tal enquanto estão na Terra – o que não significa que seja essa a forma como se identificam. Disponível em: <https://the1a.org/audio/#/shows/2018-07-09/the-mind-behind-america-most-empathetic-cartoon/114886/>

⁴ É comum em narrativas midiáticas infanto-juvenis que personagens masculinos busquem conquistar alguma forma de aprovação e reconhecimento de figuras paternas ausentes, como visto em *Harry Potter*, na saga *Fronteiras do Universo*, por exemplo.

decidem permanecer juntas como Garnet. Um resultado indireto de sua existência é a desconstrução das normas sociais referentes às fusões: no grupo das *Crystal Gems* elas passam a ser baseadas na sintonia entre as *Gems*, e são expressões de sentimentos compartilhados por elas, como alegria, confiança, amizade e amor romântico. Essas serão as características dos movimentos que levam ao surgimento de Stevonnie.

Connie, por sua vez, tem uma família normativa: filha única, ela vive com o pai e a mãe – ambos profissionais bem estabelecidos. Enquanto Steven vive em um ambiente marcado pela liberdade, autonomia, independência e diálogo, Connie convive com regras, limites e expectativas. Espera-se dela bons resultados, bom comportamento, maturidade e intelecto elevado. Sua personalidade é caracterizada pela inteligência, comprometimento, timidez e insegurança social. Já Steven é sociável, expressivo, sensível. Ao longo da série a personagem desenvolve um alto nível de inteligência emocional, ajudando os outros a lidarem com sentimentos. Em contrapartida, é desorganizado, desastrado e não muito inteligente, no sentido tradicional da expressão.

Fisicamente o garoto se afasta dos padrões estéticos: é baixo, gordo e com cabelo ondulado, nunca usa sapatos, além de ter uma pedra rosa (herdada do corpo físico da mãe) no lugar do umbigo. Por conta da pedra ele é capaz de invocar diversos elementos de sua mãe, todos da cor rosa como um leão de estimação e uma nave espacial. Outro elemento que difere a personagem é o caráter defensivo de seus poderes: Steven pode materializar um escudo e campos de força (ambos rosa). Connie é mais alta que Steven, bastante magra, de pele escura, nariz proeminente, cabelos longos (nas primeiras aparições) e usa óculos. Humana, ela não possui poderes. No entanto, devido a sua habilidade atlética, recebe a espada que pertencia à mãe de Steven para participar das missões do grupo.

Stevonnie – feminilidades e masculinidades fundidas

Stevonnie, listen to me: you are not two people, and you are not one person. You are an experience. Make sure you are a good experience.
Garnet, Steven Universo

Juntos e sozinhos começa na sala da casa de Steven e das *Crystal Gems*, onde estas tentam ensinar o garoto a usar seus poderes de fusão. Pérola comanda o treinamento de Steven, que faz par com Ametista, enquanto Garnet observa. A masculinidade de Steven é construída fora dos padrões hegemônicos: ele é incentivado a dançar, sem

qualquer distinção entre seus passos e os das outras três. Deve tanto rebolar com a mão na cabeça e ser elevado por sua parceira quanto deve conduzi-la.

Na cena seguinte Steven e Connie estão na praia, sentados de frente um para o outro. Vemos os dois de perfil, no centro do quadro. O foco da cena muda conforme os personagens conversam, ora com o rosto de Steven preenchendo a tela, ora com o Connie. Steven e Connie têm uma relação de confiança e intimidade. Estão confortáveis na presença um do outro, tanto física quanto emocionalmente. Steven se mostra preocupado com os resultados do treino e percebe que não são apenas os passos de dança que tornam as fusões as possíveis. Algo, na essência do fenômeno, escapa à sua compreensão. O menino tem uma capacidade inerente de se abrir e falar sobre suas preocupações e sentimentos. Essa é uma face importante do protagonista: Steven é inocente e sensível.

Embora Connie use frequentemente vestidos, cabelos compridos e outras marcas estéticas tradicionalmente ligadas às mulheres, suas expressões subjetivas de gênero estão ausentes. Antes de conhecer Steven ela não tinha agência sobre si mesma. Suas vivências estavam encerradas no controle e nas expectativas dos pais. E, por serem circunscritas a ambientes controlados (casa e escola) não possibilitavam o contato com “o outro”, e por consequência, a construção de sua própria identidade. A amizade com Steven dá início a um processo de autodescoberta e emancipação.

Ainda na praia, Steven convida Connie para dançar, que aceita. Os primeiros passos que dividem são repetidos várias vezes enquanto os dois olham para os próprios pés, ainda inseguros. Pouco tempo depois, Steven se empolga e se deixa levar pela dança, improvisando seus passos. Connie parece entender a maneira como seu amigo aproveita o momento também se deixa levar. Logo, os dois estão apenas se divertindo ao som da música até que Steven tropeça. Antes que ele atinja a areia Connie o segura pela cintura.



Figura 2 - Connie segura Steven antes que ele caia

Nesse momento, o desenho ganha uma tonalidade rosa e a luz forma distorções na paisagem. Mais uma vez, Connie e Steven são colocados no centro da tela. A imagem acima é um dos últimos frames que precedem a fusão entre as personagens. É a garota que “salva” o garoto, numa desconstrução dos papéis tradicionais. É a garota que assume uma postura “ativa” e de condução numa variante do clássico passo de dança. Ao se ver numa situação que alude à relações românticas, é Steven que se demonstra surpreso e em uma posição de submissão.

Quando Stevonnie surge, tomamos conhecimento de sua existência junto com a personagem, através de seus olhos, como mostra a imagem:

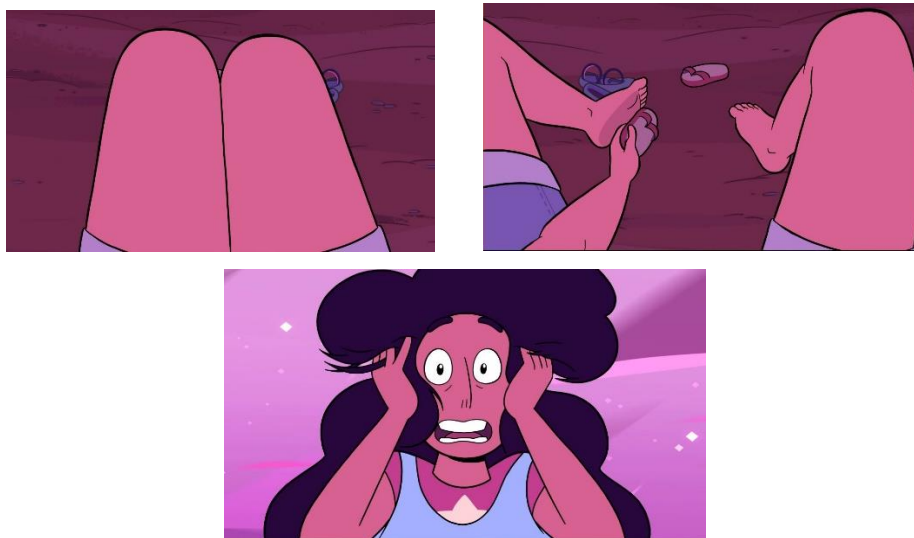


Figura 3 - Stevonnie descobre sua própria existência. Fonte: Cartoon Network

Stevonnie é mais altx⁵ que Connie e Steven, com cabelos escuros, ondulados e longos até a altura dos joelhos. Sua pele assume um tom rosado, mais escuro que o de Steven e mais claro que o de Connie. É interessante perceber que nesta primeira aparição o corpo de Stevonnie se destaca por ser o que mais se assemelha a um corpo humano na definição dos membros (como mãos e braços) e na proporção de altura. Os corpos de todas as outras personagens têm traços caricatos. Stevonnie não tem seios desenvolvidos, mas a metade superior do corpo é mais fina que a inferior; quadril, pernas e panturrilhas são mais grossos – o que aproxima sua configuração de corpos considerados femininos. No entanto, nos episódios seguintes é mostrado que a personagem tem barba.

⁵ Como a personagem não se define seu gênero na série, optei por usar a forma de indeterminação de gênero. Além disso, criadora da série oficializou, em uma ação publicitária nas redes sociais, que Stevonnie é intersex e não-binárix.

A roupa que surge após a fusão deixa parte da barriga de Stevonnie à mostra, que contribui para a aparência andrógena de seu corpo. Um outro detalhe na aparência da personagem é que seus pés estão sempre nus, o que pode ser lido como “incivilizado”, informal, ou ainda aludir à publicização de um aspecto privado do comportamento – já que, nas sociedades ocidentais só é permitido ficar descalço em momentos privados ou de lazer (o que significa também ser possível ler essa característica como signo de que Stevonnie está no campo das vivências prazerosas).



Figura 4 - Stevonnie se apresenta para as Crystal Gems

Stevonnie reage a seu próprio surgimento com alegria, afirmando que se sente “incrível”. Acompanho a personagem enquanto descobre e se familiariza com seu corpo, em uma sequência que a mostra correndo por um campo aberto com as luzes da cidade e do céu ao fundo. O movimento de câmera sai de um *close* em suas pernas até abrigar todo seu corpo. A expressão do rosto vai de alegria a determinação e contentamento. A cena acaba com Stevonnie pulando do penhasco ao mar.

Mesmo que esteja feliz com sua própria existência, Stevonnie não a compreende por completo. Esse estranhamento faz com que se questione a respeito da própria identidade, do que é. Elx também fica confuso por ter sentimentos antagônicos durante sua existência: ser capaz de dançar, se divertir e de se fundir deveriam ser coisas boas, e nem por isso ela deixa de se sentir em conflito e desconfortável.

O conflito aparece pela primeira vez quando Stevonnie compra duas rosquinhas para si (ao invés de uma, se fosse apenas Steven ou Connie; ou ainda duas, se fosse Steven e Connie). O novo comportamento faz com que questione o que elx é, e mesmo se Stevonnie é a melhor forma de ser no momento. Como mostra a figura abaixo, o

expectador também tem acesso ao conflito pelos olhos da personagem, simbolizado pela na sequência de frames pelas rosquinhas. É visível, pela diferença nas cores dos quadros, que Stevonnie enxerga o mundo de um jeito diferente de Connie ou Steven.



Figura 5 - Stevonnie questiona a própria identidade. Fonte: Cartoon Network

Ao longo do episódio, vejo Stevonnie se forçando a ficar confortável com seu corpo e sua existência, vez que ela é algo positivo. No entanto, sua criação ainda é recente e demasiado complexa para que esse estado de conforto seja atingido. Connie, Steven e Stevonnie possam por outras situações e experiências que proporcionam reflexão e autoconhecimento. No último episódio visto para realização deste trabalho, (*Lua Selva*, que se passa na quinta temporada) vemos Stevonnie mais confortável em seu corpo, segurx de suas capacidades e identidade.

Em relação aos “outros” a existência, e comportamento, de Stevonnie é recebida quase sem qualquer significação “positiva” ou “negativa”. A exceção é Pérola, cuja personalidade é rígida e metódica. Embora se mostre intrigada e curiosa quanto à existência da personagem – já que Stevonnie é a primeira fusão entre humano e *Gem* a existir – não chega a aprová-la. Mesmo que Pérola participe voluntariamente e aprecie fusões com *Gems* de tipos diferentes (prática proibida no Planeta Natal), ela ainda acredita que Stevonnie seja uma forma “inapropriada”. O comportamento de Pérola indica que mesmo na diferença existem sujeitos “apropriados” e “inapropriados”.

O corpo de Stevonnie é desejável. Em uma interação com os atendentes da loja de rosquinhas a personagem desperta a atenção tanto de Lars (homem) quanto de Sadie (mulher). Essa passagem é relevante porque deixa em aberto a sexualidade das três personagens. Lars e Sadie já tiveram um envolvimento amoroso, portanto, ao menos uma

de suas práticas já é conhecida. O interesse mútuo por Stevonnie apaga a definição que ambos tinham como “heterossexuais”, sem substituí-la por outra.



Figura 6 - Sadie e Lars se interessam por Stevonnie

Durante a cena na loja de rosquinhas a composição dos quadros enfoca aspectos e detalhes corporais de Stevonnie, apresentados como sensuais e atrativos: quando a personagem “torce” o cabelo para tirar o excesso de água o movimento está em câmera lenta e ela é envolvida pelo brilho das gotas d’água; quando olha para trás, ao sair da loja, o quadro é ocupado por seu olho, que assume um formato mais “real” e ovalado, com os cílios bem marcados. O que chama a atenção é que o comportamento de Stevonnie é o mesmo. Não há uma intenção sedutora. São Lars e Sadie que fazem essa leitura, enxergam dessa forma.



Figura 7 - Stevonnie e Kevin

A última interação de Stevonnie no episódio é com Kevin, que se comporta como as normas sociais de identificação e controle dos sujeitos. Kevin é um jovem autoconfiante e egocêntrico que se sente superior aos outros. Sua aparência é mais realista que a de outros personagens, com o cabelo curto, escuro, nariz pequeno e pele morena. Ele usa calça jeans, moletom e um lenço em volta do pescoço, criando uma imagem despojada e estilosa. Kevin se impressiona com a dança de Stevonnie durante uma festa

e, imediatamente, coloca a personagem em uma posição de submissão. Ao chamá-la de “Baby”, Kevin impõe uma relação entre os dois, exigindo, dessa forma, que Stevonnie se defina tendo-o como referência. Ele também supõe que, por serem os melhores dançarinos da festa, devem ficar juntos. Ou seja, a forma como seus corpos são significados determinaria os espaços e papéis dos sujeitos.

Considerações

Pensar gênero é mergulhar em águas profundas, nadando entre as impressões discursivas que o forjam e as formas de vivê-lo. Isso porque é uma categoria que perpassa todas as instituições sociais, impregna a cultura. E, também, as pessoas que as formam. É buscar compreender como essas instâncias da existência se impactam. Desconstruir o conceito de gênero talvez seja ainda mais desafiador.

Se gênero é uma categoria construída no discurso, cujas possibilidades de identificação e expressão são controladas por esse mesmo discurso, é necessário criar formas de abrangê-lo. A realidade da insuficiência do discurso hegemônico que rege as identidades de gênero é evidenciada nos corpos e expressões que extrapolam seus limites. Se o discurso força o gênero a se dobrar, talvez os gêneros possam forçar o discurso a se expandir.

Da imersão em *Steven Universo* e na personagem Stevonnie emergem indícios das infinitas maneiras possíveis que os seres têm de organizarem e viverem suas identidades. Emerge também a noção de que, sem as barreiras simbólicas (e sólidas) do discurso definindo de antemão o que é normal e aceitável no campo do gênero, teríamos mais possibilidades: de expandir nossas próprias identidades, as marcas em nossos corpos e nossas relações.

Stevonnie representa a indefinição, não é só homem ou só mulher. Nem apenas feminino e nem apenas masculino. É a fronteira e a diferença – sem conotação negativa. É um corpo que, por não ser apenas uma coisa, apenas uma expressão, desperta o desejo em sujeitos diferentes. Embora, no início de sua existência, não saiba ao certo como ser ou o que é, sabe que é “incrível”. Não é necessário que Stevonnie – ou os sujeitos que representa – seja recebida no centro simbólico pela “identidade-referência”, mas sim, que sua existência como sujeito seja reconhecida.

Referências bibliográficas

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BALESTRIN, P. A. **O copo rizado**. Tese de doutorado. Porto Alegre: PPGEdU/UFRGS 2005.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

CARLOTO, C. M. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais**. Serviço Sociam em Revista. Londrina, v. 3, n. 2, jan/jun 2001, p. 201-213.

IZQUIERDO, M.J. **Bases materiais del sistema sexo/gênero**. São Paulo: SOF, [199?]. Disponível em: << <https://anossapropriasubstancia.wordpress.com/2016/12/21/bases-materiais-do-sistema-sexogenero%C2%B9/>>>

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

RIAL, C. **Antropologia e mídia: breve panorama das Teorias da Comunicação**. Antropologia em Primeira Mão, Florianópolis, n 74, 2004.

STEVEN Universe, primeira temporada: episódio 37. Criação Rebecca Sugar. Cartoon Network Studios, 2015. 11 min, son., col. Série exibida pelo Cartoon Network.

STEVEN Universe, terceira temporada: episódio 11. Criação Rebecca Sugar. Cartoon Network Studios, 2016. 11 min, son., col. Série exibida pelo Cartoon Network.

STEVEN Universe, quinta temporada: episódio 12. Criação Rebecca Sugar. Cartoon Network Studios, 2018. 11 min, son., col. Série exibida pelo Cartoon Network.